

La Comédiathèque

Em Branco

Jean-Pierre
Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

Em branco

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Tal como os buracos negros, os esquecimentos abrem portais
para universos paralelos desconhecidos...

Comédia de sketches

1. Vagamente.....	3
2. Pausa.....	6
3. Antipatia.....	9
4. Trompe-l'œil.....	12
5. Preto e branco.....	15
6. Regresso ao futuro.....	19
7. Confissão.....	22
8. Homenagem.....	25
9. Código confidencial.....	27
10. Amores de infância.....	30
11. A esquecida.....	33
12. Perda de memória.....	35

Distribuição

Para um ou vários pares de actores
(sexo indiferenciado em alguns sketches)

© La Comédiathèque

1. Vagamente

Estão de pé, lado a lado, e trocam um olhar terno.

Ele – Estás bem?

Ela – Sim... E tu?

Ele – Estou bem. *(Pausa)* Estamos mortos, não é?

Ela – Porque é que dizes isso?

Ele – Não sei... A última coisa de que me lembro é de uma onda de trinta metros prestes a desabar sobre a piscina junto à qual nos tínhamos acabado de deitar para fazer uma sesta.

Ela – Ah, sim...

Ele – Tu não?

Ela – Sim.

Ele – Então estamos mortos.

Ela – Ou talvez essa onda nos tenha arrastado quilómetros, e nos tenha deixado suavemente, sem nos acordar, à beira da piscina de outro hotel...

Ele – Que também se chamaria Paradise Hotel.

Ela – Absolutamente ilesos e nem sequer molhados.

Ele – Não é o mais provável, pois não?

Ela – Então estamos mortos.

Ele – Bem... mortos...

Ela – Tens razão. Não vejo grande diferença em relação a quando estávamos vivos.

Ele – Excepto que, neste mundo, aparentemente, ainda não estamos casados.

Ela – Porque é que dizes isso?

Ele – Não temos alianças.

Ela – Achas que também ainda não temos filhos?

Ele – Pelo menos, não vejo as toalhas deles junto à piscina.

Ela – Nem as bóias.

Silêncio.

Ele – Se calhar ainda nem sequer nos conhecemos...

Ela – Queres dizer... que não nos conhecemos?

Ele – Não sei. Conhecemo-nos?

Ela – Acho que não.

Silêncio.

Ele – Então isto deve ser aquilo a que chamam a morte.

Ela – Um mundo paralelo onde a hora da nossa morte ainda não chegou.

Ele – Um paraíso sobre o qual o tsunami ainda não passou.

Ela – Mas vimos a onda. Os dois.

Ele – Sim.

Ela – Imagino que, se isto funcionar assim, não devíamos lembrar-nos da vida anterior. Tu lembras-te?

Ele – Vagamente.

Ela – Eu também. Só me lembro dessa onda... De ti e das crianças. Bom, sobretudo das crianças... E tu?

Ele – Sobretudo da onda.

Ela – Tudo isto é mesmo muito estranho.

Ele – Deve ser uma falha no sistema. Supostamente não nos devíamos lembrar de nada.

Ela – Caso contrário, as pessoas saberiam que estão mortas.

Ele – Achas que devíamos dizer-lhes?

Ela – Dizer o quê?

Ele – Que estão mortos.

Ela olha na direcção do público.

Ela – Olha para eles... Parecem felizes... Não acreditariam em nós...

Ele – Achariam que éramos loucos, e acabaríamos nós internados num manicómio.

Ela – Mais vale guardarmos o segredo.

Ele – Tens razão.

Ela – Será o nosso segredo.

Silêncio.

Ele – Então... vamos?

Ela – Para onde?

Ele – Descobrir o que é diferente neste mundo paralelo, onde nenhum tsunami destruiu o Paradise Hotel...

Ela – E onde ainda não nos conhecemos.

Ele – Tenho curiosidade.

Ela – Sim... E ao mesmo tempo, tenho um pouco de medo.

Ele – Primeiro, temos de saber em que quarto estamos.

Ela – Como ainda não nos conhecíamos, provavelmente não estávamos no mesmo quarto.

Ele – Vamos perguntar na recepção.

Ela – Vamos fazer isso.

Ele – Vamos.

Começam a afastar-se.

Ela – Mesmo assim, era um dia lindo, não era?

Ele – Era.

Ela – Quem diria...?

Ele – Que nos íamos conhecer hoje.

Saem.

2. Pausa

Estão ternamente abraçados. Afrouxam o abraço, com um sorriso tolo nos lábios.

Ele – Estamos bem... Juntos, não é?

Ela – Sim... *(Pausa)* Mas... queres dizer: “Estamos bem juntos?” ou “Estamos bem... juntos?”

Ele – Eh... Não sei... Qual é a diferença?

Ela – Ora... a pausa.

Ele – A pausa?

Ela – Sem a pausa, quer dizer “Estamos bem enquanto casal.” Com a pausa, quer dizer... “Estamos mesmo juntos?”

Ele – Ah, claro...

Ela – Pois sim.

Um momento de inquietação. Novo abraço para se tranquilizarem. E nova separação. Voltam a sorrir felizes.

Ele – Lembras-te de como nos conhecemos?

Ela – Sim... *(Pausa)* Quer dizer... não. E tu?

Ele – Não, eu também não. Pensava que tu te lembravas...

Ela – Onde é que nos poderíamos ter conhecido?

Ele – Se estamos juntos, é porque nos conhecemos algures.

Ela – Claro...

Ele – Mas... onde?

Ela – Não sei... Onde é que as pessoas se conhecem, normalmente? Quer dizer... um homem e uma mulher.

Ele – Em casa de amigos?

Ela – Temos amigos em comum?

Ele dá uma olhadela ao telemóvel.

Ele – Segundo o Facebook, não.

Ela – Dizem que um em cada quatro casais se conheceu no trabalho.

Ele – Onde trabalhas tu?

Ela – Eu sou... sou stripper... Acho eu... E tu?

Ele – Canalizador...

Ela – Canalizador?

Ele – Mudaram a canalização recentemente no teu clube de striptease?

Ela – Ah, não, não trabalho num clube. Faço isso por gosto. Em casa...

Ele – Ah, claro...

Ela – E tu?

Ele – Não, eu... Sou canalizador a sério. Quer dizer... trabalho em casas de outras pessoas. Acho eu...

Ela – Já percebi.

Ele – Então... chamaste um canalizador recentemente?

Ela – Não... mas acho que tive uma fuga há pouco tempo.

Ele – Uma fuga...?

Ela – Não... um problema de água. Uma fuga.

Ele – Ah, sim, desculpa, eu... Uma fuga, claro... Quer dizer... se calhar devia ir-me embora, não...?

Ela – Ir-te embora? Para onde?

Ele – Eu... não sei... Para minha casa?

Ela – Não moras aqui?

Ele – Achas que moro aqui?

Ela – Não sei. Moras noutra sítio?

Ele – Não me lembro, para ser sincero. E tu tens a certeza de viver aqui?

Ela olha à sua volta.

Ela – A mim também não me é nada familiar.

Ele também observa à volta e apanha um cartão do chão.

Ele – Olha...

Ela – O quê?

Ele – Um cartão.

Ela – O que é que diz?

Ele – Não incomodar.

Ela – E do outro lado?

Ele – Por favor, arrumem o quarto.

Ela – Ah, pois...

Ela começa a mexer-se, como para fazer alguma coisa.

Ele – O que estás a fazer?

Ela – Vou arrumar o quarto. Não foi isso que acabaste de me dizer?

Ele – Sim... Quer dizer, sim, mas... foi o que estava escrito no cartão.

Ela – Tudo isto é mesmo muito estranho.

Ele – Pois é... Pergunto-me se não seria melhor voltarmos para a cama.

Ela – Voltar para a cama? Queres dizer... juntos?

Ele – Não sei... Não?

Ela – Sim, sim...

Ele – Talvez vejamos tudo mais claro depois de acordarmos.

Ela – Sim, espero que sim...

Ele – Vou pôr o cartão de “não incomodar”.

Ela – Sim, acho que é o melhor.

3. Antipatia

Estão de pé, cada um de um lado do palco. Lançam olhares furtivos. Ele acaba por se aproximar dela.

Ele – Desculpe, estive a olhar para si durante um bom bocado e... Não leve isto como uma tentativa barata de engate... Tranquila, não é nada o meu tipo...

Ela – Obrigada...

Ele – Não, quero dizer... tenho a sensação de já a ter visto antes. Bem... não só de a ter cruzado por acaso, percebe? É como se... a conhecesse.

Ela – Ah, sim...?

Ele – Desculpe, estou a fazer figura de parvo...

Ela – Não, nada disso... Quer dizer, sim, está a fazer figura de parvo, mas... também tenho a sensação de o conhecer. Muito bem até.

Ele – A sério...? Então não estou maluco.

Ela – Depende.

Ele – Depende?

Ela – Se calhar conhecemo-nos num manicómio. O que explicaria o facto de preferirmos não nos lembrar...

Ele – Ah, claro... Então a senhora também...

Ela – Exactamente... a sua cara não me é estranha, mas... não faço ideia porquê.

Olham-se mais um instante.

Ele – Não, o estranho é que... a sua cara me é mesmo muito familiar. Como se... Desculpe... Seria um bocado embaraçoso, mas... não será por acaso uma das minhas ex?

Ela – Ah, aí está... Como táctica de engate, é original... Mas visto que eu não sou nada o seu tipo... à partida, não pude ter sido.

Ele – O que explicaria que não estejamos juntos agora, mas pronto... Desculpe, estou a ser mesmo...

Ela – Não, não se desculpe. Na verdade, o senhor também não é nada o meu tipo...

Ele – Pois...

Ela – Sem querer ofendê-lo, até diria que... a sua cara me irrita profundamente.

Ele – A mim também...

Ela – Não é só que não me lembre do seu nome. É que... a sua cara me inspira uma antipatia tremenda.

Ele – É curioso dizer isso porque... Eu não sabia como lho dizer sem ser ofensivo mas... A senhora também. A sua cara... parece-me mesmo antipática.

Ela – Ao menos é algo que temos em comum.

Ele – Sim... Mas isso não nos diz como nos conhecemos, nem onde nos poderíamos ter cruzado.

Ela – Olhe, com a base sobre a qual começámos... e a profundidade a que já se enterrou... pergunto-me se vale mesmo a pena continuar a escavar.

Ele – Tem razão... Melhor ficar por aqui... Imagine que de repente nos lembramos que...

Ela – Sim, seria mesmo...

Ele – No fim de contas... Há coisas que é melhor esquecer.

Ela – É verdade... Imagine que de repente me lembro que... *(Ela olha-o de forma estranha)* Espera um bocadinho... Já está, já me lembro...

Ele – A sério...? O quê...?

Ela – *(Indignada)* – A sério que não te lembras?

Ele – Eh... não, mas... Já nos tratamos por tu?

Ela olha-o fixamente outra vez, mas desta vez com um esgar de ódio nos lábios.

Ela – Porco nojento!

Ele – É assim tão grave...?

Ela – E ainda tens a lata de perguntar?

Ele – Desculpa, eu... Não me lembro de nada...

Ela – Não te lembras de mim? Depois do que me fizeste?

Ele – Não sei o que te diga... Não me vejo a fazer mal a ninguém. E muito menos a uma mulher. Mas ao mesmo tempo, admito que... És-me tão antipática... Que, em circunstâncias excecionais, admito que possa ter...

Ela – Grande cabrão...! Ou seja, nem sequer tentas negar?

Ele – Sim... Sim, sim... Bom, não... mas... Diz-me, por favor! Tenho mesmo de saber... Estou disposto a ouvir tudo, juro-te.

Ela aproxima-se dele, ameaçadora.

Ela – Não sei o que me impede de...

Ele – Não, vá, força... Se achas que mereço...

Ela recupera subitamente um ar despreocupado, com um ligeiro sorriso nos lábios.

Ela – Não, estou a brincar. Não me lembro de nada.

Ele – Ah, bom...

Ela – Agora... também acho que, numa vida anterior, podia ter-te morto. Tens uma cara que dá vontade de bater. Nunca te disseram isso?

Ele – Não... Bom, pelo menos não de forma tão direta.

Ela – Francamente, surpreende-me. Mas pronto...

Ele – Pois... Acho que o melhor é mesmo ficarmos por aqui, não?

Ela – Parece-me o mais sensato, de facto.

Ele – Bom então... até logo.

Ela – Até logo?

Ele – Não é impossível que voltemos a cruzar-nos, pois não?

Ela – Ao menos, se nos voltarmos a ver um dia, saberemos porque é que a cara um do outro nos é familiar.

Ele – Exactamente... *(Ela prepara-se para sair)* Não, mas podes ficar...

Ela – Ia sair de qualquer maneira.

Ele – Eu também.

Ela – Bom... Então vamos...

Ele – Está bem. Ia por ali. Tu também?

Ela – Sim...

Ele – Caminhemos um pouco juntos, pode ser que a memória volte.

Ela – Se não nos matarmos antes...

Ele – É um risco, sim... Estás-me a parecer cada vez mais antipática.

Ela – Tu também.

Saem.

4. Trompe-l'œil

De pé, virados para o público, olham para a parede do fundo.

Ele – Está bom tempo, não está?

Ela – Mas está muito vento.

Ele – Pois é. Foi o vento que levou as nuvens...

Silêncio.

Ela – Vês aquela janela em frente?

Ele – Que janela?

Ela – Ali, meio escondida entre a folhagem daquela árvore.

Ele – Ah sim, essa... Que estranho, nunca se vê luz à noite.

Ela – Não sei quem pode viver ali.

Ele – Se calhar ninguém. Pode estar vazia. Acontece...

Ela – Não sei... Durante o dia, parece-me ver silhuetas atrás dos vidros. Através dos ramos.

Ele – Ah, sim?

Ela – Um homem e uma mulher, acho eu.

Ele – Faz-me lembrar um filme...

Ela – Que filme?

Ele – *A Janela Indiscreta!* Não me digas que também achaste ver esse homem a assassinar a mulher...

Ela – Não, mas mesmo assim... Tenho a impressão de que se passa algo estranho atrás daquela janela.

Ele – Não tens mais nada para fazer do que espiar o que se passa no prédio em frente?

Ela sorri e volta a olhar com mais atenção.

Ela – Espera um bocado... É inacreditável. Parece que...

Ele – Que foi?

Ela – Hoje está um vento terrível, e as folhas dessa árvore não se mexem nem um bocadinho.

Ele também olha.

Ele – Ah, sim, é verdade, é estranho...

Ela – Vais rir-te, mas...

Ele – Sim?

Ela – A árvore... é um trompe-l'œil.

Ele – Um trompe-l'œil?

Ela – Juro-te. Olha bem.

Ele olha com mais atenção.

Ele – Ah, pois... Nunca tinha reparado.

Ela – Já me parecia...

Ele – Mas então... se a árvore é um trompe-l'œil, a janela também deve ser.

Ela – Achas?

Ele – Como é que uma árvore falsa pode tapar uma janela verdadeira?

Ela – Sim, tens razão.

Ela – Se a árvore está pintada na parede do prédio da frente, então a janela também.

Ele – Uma árvore que não existe, a tapar uma janela que também não existe.

Ela – Por isso é que a ilusão funciona tão bem. A pessoa pensa que se alguma coisa está escondida, é porque é real. Para quê esconder algo que não existe?

Ele – Como Deus, no fundo. As pessoas acreditam nele precisamente porque nunca o vêem.

Ela – Se Deus andasse pelos supermercados com uma barba postiça e um disfarce roto, como o Pai Natal no Natal, era evidente que ninguém acreditava nele por muito tempo.

Ele – Pois é...

Silêncio.

Ela – E se nós também fôssemos trompe-l'œil?

Ele – O quê?

Ela – Se calhar, as pessoas que nos olham vêem-nos como ilusões de óptica. Pinturas ou fotografias de nós próprios.

Ele – Mas nós estamos aqui, movemo-nos, falamos.

Ela – Os vídeos também se mexem.

Ele – Somos tridimensionais.

Ela – Os hologramas também têm relevo. Se calhar somos trompe-l'œil em 3D.

Ele – Era perguntar aos vizinhos da frente.

Ela – Embora... que credibilidade têm os vizinhos... se também forem trompe-l'œil?

Ele – Acho que estamos a começar a enlouquecer.

Ela – Tens razão, vou fechar a janela.

Ela hesita.

Ele – Não me digas que está pintada na parede...

Olham-se, inquietos.

5. Preto e branco

Ela já está ali. Ele entra com um caderno grosso na mão.

Ela – Olá, olá... Entre, entre...

Ele – Obrigado, obrigado...

Ela – Não lhe custou muito chegar? Com estas greves...

Ele – Moro mesmo em frente.

Ela – Em frente? Quer dizer...?

Ele – O prédio da frente.

Ela – Ah, está bem... Não sabia que... Que curioso, estava convencida de que aquela janela, na parede da frente, era um trompe-l'œil.

Ele – Um trompe-l'œil?

Ela – Sim. Que a janela estava pintada na parede. Nunca vi nada mexer-se atrás daquele vidro.

Ele – E no entanto, aqui estou, como pode ver...

Ela – Pois vejo... Então, da sua sala, vê tudo o que se passa aqui.

Ele – Absolutamente tudo...

Ela ri, nervosamente, como para se tranquilizar.

Ela – Enfim... O que é que pode acontecer de interessante no gabinete de uma agente literária?

Ele – Isso é consigo.

Ela – Pois claro, claro... Então, como vai esse novo romance?

Ele – Quase terminado.

Ela – Muito bem, muito bem... Espero que seja original, porque já sabe... A temporada literária está cada vez mais saturada... Um monte de gente a contar a sua triste vidinha, convencida de que vai fascinar o mundo inteiro.

Ele – Tranquila, não é uma autoficção.

Ela – Ainda bem, ainda bem... Não, o que precisamos hoje é de um novo Borges. Alguém que ainda consiga renovar os códigos do romance clássico.

Ele – Vai ver. Vai surpreender-se. E não me admirava nada que, ao sair daqui, me chamasse bruto.

Ela – Claro! É preciso rebentar com tudo. Como na *Movida* madrilena. Sabemos que não vai durar, mas pelo menos serve para desabafar...

Ele – É curioso que diga “desabafar”, porque precisamente... Vai perceber quando der uma vista de olhos ao meu manuscrito...

Ela – Agora deixou-me mesmo curiosa, meu caro. Mal posso esperar por ver. Trouxe-me algumas boas páginas?

Ele – Está quase pronto. Tome, se quiser dar uma olhadela...

Entrega-lhe o caderno grosso.

Ela – Muito bem, muito bem... Ah sim, é um bom calhamaço, pelos vistos... Não será demasiado longo? Já sabe, hoje em dia, mais de 200 páginas... O que quer que lhe diga? É a geração SMS. As pessoas perderam o hábito de virar páginas...

Põe os óculos de leitura.

Ele – São cerca de 900 páginas. Mas verás, lê-se com muita facilidade.

Ela – Bem, bem... E qual é o título?

Ele – *O branco e o preto.*

Ela – *O branco e o preto*... Uma homenagem ao cinema clássico americano a preto e branco, talvez?

Ele – Mais à pintura moderna... Por isso é que lhe dizia antes que...

Ela – Adoro o Picasso. Mas não conhecia a fase a preto e branco...

Ele – Na verdade, para o título, ao início pensei em *Memórias do ultranegro*.

Ela – Ah, claro... Mas diga-me... Tem mesmo a certeza de que, com isso tudo, vai revolucionar a história da literatura?

Ele – Vai ver, é surpreendente.

Ela – Muito bem, muito bem... Vamos lá ver, então.

Abre o caderno e começa a folhear. Passa algumas páginas.

Ele – Deixo-a um momento para se ambientar...

Ela – Sim... mas diga-me. Pelo que vejo, deixou várias páginas em branco no início. Onde é que começa, afinal?

Ele – Já começou.

Ela – Desculpe?

Ele – Essas páginas em branco fazem parte do romance.

Ela – Não estou certa de perceber...

Ele – Já a avisei que ia surpreendê-la. Veja. Calculei que, em média, numa página de romance, os caracteres impressos —a preto, claro— ocupam oito por cento da superfície da página branca.

Ela – Oito por cento?

Ele – Em média. Depende do tipo de letra usado na impressão, claro. Com uma letra maior e mais gorda, pode chegar aos nove ou mesmo dez por cento.

Ela – A sério...? E então...?

Ele – Então ocorreu-me separar o branco do preto.

Ela – Que ideia...

Ele – Depois perguntei-me se devia começar pelo branco e depois o preto, ou ao contrário...

Ela – Pois claro...

Ele – Acabei por decidir começar pelo branco... Para criar... uma expectativa no leitor, percebe?

Ela – Sim, sim...

Ele – Uma espécie de suspense, se preferir.

Ela – Não sei bem o que prefiro... (*Folheando*) Então, as páginas estão todas em branco?

Ele – De modo nenhum. E é aí que começa a parte interessante. Para simplificar, tomei uma média de dez por cento. Assim, sistematicamente, depois de nove páginas em branco, vem uma página preta.

Ela – Preta?

Ele – Completamente preta.

Ela – Porquê preta?

Ele – Sabia que isso a ia deixar um pouco desconcertada. Mas era isso que queria, não era? Algo novo.

Ela – Pois...

Ele – Essa página preta, que vem depois de nove em branco, concentra toda a tinta que normalmente seria usada para preencher —como se costuma dizer— essas nove páginas anteriores que, no meu romance, ficam em branco. Percebe?

Ela – Sim, percebo...

Ele – Vejo que está um pouco perplexa, é normal. Como tudo o que é novo, pode baralhar ao início. Por isso permita-me usar uma metáfora, para a ajudar a captar melhor o carácter revolucionário desta obra.

Ela – Uma metáfora?

Ele – Um romance é como uma omelete. Mas já estamos fartos de omeletes. Mesmo que se junte cebola, batata, ervas... continua a ser uma omelete. Eu optei por uma decisão radical e volto aos fundamentos. Separar a clara da gema. Ou o branco do preto, neste caso. Daí o título...

Ela – Está a gozar comigo, é isso?

Ele – Sabia que ia dizer isso... Mas não... Não mais do que esses pintores que vendem quadros completamente brancos ou completamente pretos, chamando-lhe “monocromos” com toda a pompa.

Ela – Pois claro...

Ele – Este primeiro romance do género é um gesto fundador. Mais tarde, claro, poderei escrever outros, em que o branco já não seja totalmente branco, e o preto não seja totalmente preto. Mas isso sim: respeitando sempre essa proporção sagrada dos dez por cento!

Ela – Dez por cento.

Ele – Os pintores têm o seu número de ouro, porque não havíamos nós, os escritores, de ter o nosso? E a prova de que esse número é sagrado: a senhora cobra-me precisamente dez por cento de comissão como agente sobre todos os meus direitos de autor!

Ela – E acha mesmo que lhe vou adiantar dinheiro por esta palhaçada?

Ele – Já lhe disse: moro mesmo em frente... e da minha casa vejo tudo o que se passa neste gabinete.

Ela – Tudo?

Ele – Tudo. Tenho até vídeos...

Ela – Pois bem... E... quanto é que quer para se esquecer de tudo o que viu?

6. Regresso ao futuro

Ela está ali, de bata branca. Ele entra com roupa normal.

Ela – Bom dia, senhor. Agradeço-lhe por ter aceite participar neste experimento que, recorde, faz parte de um programa de investigação estritamente confidencial e, na verdade, classificado como segredo de Estado.

Ele – Se aceitei a vossa proposta, fique claro, não foi pela generosa indemnização oferecida pela participação neste protocolo de ensaio terapêutico, mas sim por puro civismo. Sou católico praticante, mas também sindicalista. Se o meu modesto contributo pode ajudar a curar a Humanidade de um dos muitos males que ainda a afligem...

Ela – Sim... A esse respeito, vamos ao objectivo deste programa de investigação, que não considerámos útil revelar aos participantes antes de serem definitivamente seleccionados. Mas agora que faz parte desta aventura, devemos ser transparentes quanto ao propósito que perseguimos e às razões que nos levaram a lançar este programa, baptizado de *Regresso ao futuro*.

Ele – *Regresso ao futuro?*

Ela – Em breve vai perceber porquê.

Ele – Mas isto não era para testar um novo medicamento?

Ela – Na realidade... não exactamente.

Ele – Está a intrigar-me, doutora.

Ela – Para dizer a verdade, estimado senhor, o que nos interessa é o seu esperma.

Ele – Agora já não estou intrigado, estou assustado.

Ela – Há pouco falava dos muitos males que ainda afectam a Humanidade.

Ele – Estava a pensar no vírus do Ébola, no coronavírus, na sida...

Ela – Doenças bem reais, contra as quais, infelizmente, ainda não foi descoberta nenhuma vacina eficaz.

Ele – Pois...

Ela – Mas, sejamos honestos, senhor, se analisarmos as coisas de forma objectiva... Serão mesmo esses vírus que ameaçam a própria existência da Humanidade?

Ele – Não, provavelmente não.

Ela – E segundo o senhor, qual é o mal que está a levar o nosso planeta à ruína?

Ele – Eu... não sei...

Ela – Essa praga, senhor, é o Homem.

Ele – O homem?

Ela – Bom, a mulher também, claro. Refiro-me ao ser humano no geral.

Ele – Ah, claro...

Ela – Sobrepopulação, desflorestação, esgotamento dos recursos, alterações climáticas, guerra nuclear...

Ele – Sim, está bem, mas... o que é que o meu esperma tem a ver com isso?

Ela – Senhor, a situação, segundo os dados que temos, é ainda mais desesperante do que possa imaginar.

Ele – A sério...?

Ela – A partir deste diagnóstico trágico, chegámos à única solução possível para evitar a catástrofe final — ou seja, o fim do mundo.

Ele – Estou a ouvir...

Ela – Alguma vez, ao confrontar-se com todas as atrocidades de que o ser humano é capaz, fez esta pergunta tão simples: “Quando é que tudo começou a correr mal?”

Ele – Sim, bom... E segundo a senhora?

Ela – A resposta, infelizmente, é evidente: quando o macaco se tornou *homo sapiens*.

Ele – Ah...

Ela – Ou, segundo as suas crenças, já que é católico, quando Deus criou o Homem.

Ele – Acha que foi um erro?

Ela – Basta olhar para os resultados de hoje para se convencer. Foi uma verdadeira bomba-relógio.

Ele – Está bem... E o que é que propõe, exactamente?

Ela – Primeiro pensámos em criar um super-homem. Mas isso já foi tentado no passado, com as consequências nefastas que conhecemos. Com o homem vamos para o desastre. Com o super-homem, corremos para ele.

Ele – Já percebo...

Ela – Portanto, não é para a frente que temos de olhar, mas para trás.

Ele – Para trás?

Ela – Os maiores cientistas do mundo, juntamente com destacados especialistas em ciências humanas, incluindo filósofos de renome, reuniram-se em segredo há alguns meses sob os auspícios da ONU. A sua conclusão foi clara: a única solução a longo prazo para salvar a Terra é fazer regredir o ser humano ao estado de macaco.

Ele – Como assim regredir...?

Ela – Não de repente, claro. Mas sim modificando aos poucos, através de uma selecção natural orientada, as características genéticas dos nossos descendentes. E é aí que precisamos de si.

Ele – De mim?

Ela – Quer dizer... do seu esperma, na verdade.

Ele – Explique-se...

Ela – Estudos científicos mostram que, entre todas as categorias da população mundial, os católicos praticantes são geneticamente os mais próximos do macaco.

Ele – A sério?

Ela – Na verdade, isto aplica-se aos crentes em geral. Mas contactámos uma amostra de extremistas de outras religiões e recusaram colaborar...

Ele – Já percebo...

Ela – Além disso, não íamos criar uma nova espécie humana mais parecida com o macaco só a partir de genes de fanáticos religiosos. Há macacos bastante agressivos também, sabe?

Ele – Com certeza...

Ela – Por isso também fizemos uma selecção entre os católicos praticantes.

Ele – E porquê eu?

Ela – Aqui entra em jogo o seu lado sindicalista. Desde que pertença a um sindicato reformista, claro. Entre os católicos praticantes, os que também são sindicalistas parecem ser os menos agressivos e os mais dispostos a colaborar.

Ele – Compreendo.

Ela – Agora que já sabe tudo, volto a colocar-lhe a pergunta, estimado senhor: está disposto, ao doar o seu esperma, a participar na regeneração da espécie humana, fazendo-a recuar ao estado de símio?

Ele – Reconheço que esta proposta... me deixa um pouco desorientado.

Ela – Agora percebe melhor o nome desta missão desesperada: *Regresso ao futuro*. Ao devolver o Homem ao seu estado primitivo, esperamos que, na sua evolução futura, ele escolha um caminho mais sensato...

Ele – Agradeço a honra que me é concedida, e tenho consciência da responsabilidade. Por isso confirmo o meu acordo em participar nesta operação de salvação da Humanidade.

Ela – Obrigada, estimado senhor. A sua resposta não me surpreende, tendo em conta o que sabemos de si. Entrarei em contacto em breve para dar início ao protocolo.

Ele – Estou inteiramente à disposição.

Ela – Graças a si, dentro de duas ou três gerações, o Homem terá esquecido até que alguma vez foi Homem.

Ele sai. Ela pega no telemóvel e marca um número.

Ela – Não vais acreditar... mas aceitou.

7. Confissão

Ele está ali, sentado de frente para o público. Ela chega e senta-se também.

Ele – Estou a ouvir-te, minha filha...

Ela – Não é fácil, padre.

Ele – Ao confessares os teus pecados a mim, estarás a confessá-los ao nosso Senhor. Lembra-te de que, para Ele, pecado confessado é pecado meio perdoado. E se te arreponderes com sinceridade, seja o que for que tenhas feito, serás absolvida.

Ela – Veja, não se trata exactamente de um pecado.

Ele – Se achas que não pecaste, por que vieste confessar-te? Mas já sabes, todos pecamos, infelizmente.

Ela – Até o senhor?

Ele – Claro, até eu. Sou apenas um homem.

Ela – Então, a quem se confessa o senhor? Sempre me fiz essa pergunta. Como com os cabeleireiros. Quem lhes corta o cabelo? Ou com os médicos. Nunca pensamos que um médico possa estar doente. E no entanto, também são humanos...

Ele – Acho que estamos a desviar-nos, minha filha. Há quanto tempo não te confessas?

Ela – Nunca me confessei.

Ele – Nesse caso, como podes afirmar que nunca pecaste? Mesmo que fosses uma santa...

Ela – Não sou uma santa, mas o que tenho para lhe contar é realmente extraordinário.

Ele – Muito bem... Se isso te pode ajudar, estou a ouvir. E veremos juntos se o que fizeste é ou não um pecado.

Ela – Ora bem, padre, com toda a modéstia, acho que resolvi o mistério do universo.

Ele – O mistério de...? Se isto é uma brincadeira, deves saber que gozar com a confissão, que é um dos nossos sacramentos mais sagrados, já é pecado.

Ela – Sabia que me ia tomar por maluca... Mas foi por isso mesmo que vim. Se o senhor não me ouvir, quem ouvirá?

Ele – Está bem, então ouço-a...

Ela – Ora bem, doutor...

Ele – Padre.

Ela – Desculpe... Ora bem, padre... Acho que percebi como é que tudo isto funciona. Como funciona. E sobretudo, porquê.

Ele – Tudo isto?

Ela – *O mundo!* A vida, a morte, o bem, o mal...

Ele – Nada mais?

Ela – O universo, as galáxias, os buracos negros, os extraterrestres...

Ele – Já vejo... E como é que afirma ter alcançado tamanho conhecimento universal? É cientista, por acaso? Se for, deixe-me esclarecer: o meu campo é o da dúvida, da crença e da fé. Não o da certeza, da verdade e do saber.

Ela – É aqui que entra a parte surpreendente. Não sou de todo cientista. Sempre fui um desastre a matemática. Mas desde pequena que me faço perguntas sobre tudo isto. O senhor não?

Ele – Sim... À minha maneira...

Ela – E o senhor também, à sua maneira, acredita ter encontrado a verdade.

Ele – Falemos antes do que a traz aqui...

Ela – Claro. Bastante cedo percebi que nunca encontraria respostas para as perguntas que a humanidade se faz há milénios sem obter nenhuma resposta.

Ele – E...?

Ela – E no entanto, quando já não esperava, ontem à noite, tudo se iluminou de repente.

Ele – A sério?

Ela – Dormia profundamente. Acordei encharcada em suor. E a solução surgiu-me como um raio.

Ele – Não me diga que teve uma aparição milagrosa... Que viu a Virgem...?

Ela – Não, claro que não. E, aliás, quanto ao segredo do universo, aviso já que Deus não tem muito a ver com isso. Foi por isso mesmo que quis falar consigo em primeiro lugar. Para que pudesse comentar... com o seu chefe.

Ele – Muito gentil da sua parte, mas... por curiosidade, podia dizer-me, em traços gerais, o que acha ter descoberto?

Ela – Ora veja, na verdade, é de uma simplicidade...

Ele – Bíblica?

Ela – Eu esperava algo extremamente complicado. Porque os cientistas por um lado, e os filósofos por outro, nunca conseguiram sequer encontrar o princípio do início de uma explicação.

Ele – E então?

Ela – Pois no fim, não. É muito simples. Embora, claro, surpreendente. Caso contrário, já teria ocorrido a alguém antes de mim...

Ele – Confesso que despertou a minha curiosidade. Estou a ouvi-la...

Ela – Como essa explicação me surgiu em sonhos, apressei-me a escrevê-la num papel. Porque, por mais simples que seja... Sabe como são os sonhos. Quase sempre, assim que acordamos, esquecem-se.

Ele – Então, peço-lhe que não me faça esperar mais. Até porque tenho vários fiéis à espera para se confessarem depois de si...

Ela – Pois é isso...

Ele – Sim?

Ela – Um instante, já lho digo...

Ela procura em vão o papel dentro da mala.

Ela – Bolas!

Ele – O que se passa agora?

Ela – Não sei o que fiz com esse papel. Estava convencida de o ter posto na mala...

Ele – Mas deve lembrar-se, mais ou menos, não?

Ela – Já lhe disse... É como nos sonhos... Está tudo claríssimo enquanto dormimos. Tudo parece simples e evidente, mas...

Ele – Sim?

Ela – Ai, não pode ser... Está-me mesmo na ponta da língua...

Ele – Já percebo...

Ela – Ai, não... que raiva... *O segredo do universo!* Eu tinha-o... e... escapou-se-me.

Ele – A sério?

Ela – Não, espere, tenho a certeza de que me vai voltar... Tinha a ver com... Ai, merda, não me lembro...

Ele – Muito bem... E não tem mais nada para me confessar?

Ela – Não...

Ele – Nesse caso, peço-lhe que se retire. Entre os meus fiéis há pessoas mais desamparadas do que a senhora que aguardam o consolo da religião.

Ela – Claro, peço desculpa. Mas vou pensar de novo no assunto, e se me lembrar...

Ele – Isso, pense bem, e se se lembrar, venha ter comigo, está bem?

Ela – Obrigada. Quanto é que lhe devo, doutor?

Ele – Pode deixar uma oferta no cesto à saída.

Ela – Vai-me voltar, tenho a certeza... E talvez encontre aquele raio do papel... Não era tão comprido como uma Bíblia, claro, mas... cabia numa única frase.

Ele – *Numa frase?*

Ela – Infelizmente... esqueci-me dela.

8. Homenagem

Estão de pé lado a lado virados para o público, ele um pouco mais à frente, ela ligeiramente recuada. Exibem um sorriso forçado e uma expressão solene. Ele pigarreja e tira um papel do bolso, ao qual lançará olhares de vez em quando.

Ele – Queridos amigos, queridos colegas... Estamos aqui reunidos para prestar homenagem à memória de João António, que infelizmente nos deixou de forma súbita há alguns dias. Para todos nós, João António era muito mais do que um colega, era um amigo, atrever-me-ia a dizer até, quase um membro da família... João António era um homem...

Ela tenta chamar discretamente a atenção dele tossindo. Como ele não reage, ela inclina-se e murmura-lhe algo ao ouvido.

Ele – Peço desculpa por ter dito mal o nome do nosso querido falecido. A emoção, com certeza... João Paulo era um homem... discreto, mas querido por todos. Ao longo da sua carreira no Serviço de Viação... *(Ela lança-lhe outro olhar incómodo e tosse. Ele consulta o papel e corrige-se.)* ...ao longo da sua carreira no Serviço de Cadastro, acrescentaria, ao serviço dos seus concidadãos e portanto ao serviço da Pátria, João Manuel nunca deu nas vistas por um gesto errado, uma explosão de raiva ou uma palavra mais alta do que outra. Não, João Manuel não era desses que fazem ondas. Sempre pronto, no refeitório, a ceder o seu lugar na fila a alguém com mais pressa. Sempre disponível para substituir um colega de baixa. Sempre voluntário para tirar férias de Verão em Janeiro, para que outros pudessem ir com as famílias para o sol. Sim, mais do que um homem discreto, podíamos dizer que João Francisco, já em vida, optara por apagar-se. Mas fazia-o para deixar mais espaço àqueles que amava. Sim, João Jesus, dado o pouco espaço que ocupavas neste mundo, podemos dizer que a tua ausência deixa um grande vazio. As vésperas da reforma, partiste como viveste. Sem incomodar. Ao menos morreste em paz. Foi o coração que falhou, sem dúvida por seres bom demais... *(Ela murmura algo ao ouvido dele.)* O coração... e também —dizem-me— o eléctrico que te atropelou mesmo à saída de casa. Esse eléctrico que devia trazer-te até aqui para o que teria sido o teu último dia de trabalho, e que afinal te levou directamente ao fim da linha. Partes rodeado, ainda assim, do amor dos teus, sobretudo da tua fiel esposa... *(Ela faz-lhe um gesto. Ele corrige-se.)* Daquela esposa de quem, infelizmente, já te tinhas divorciado há muitos anos... Dizem que o mais difícil é para os que ficam. Felizmente, não deixas viúva nem filhos. Mas a tua família, mesmo assim, chora por ti, João Pedro. Porque a tua família... éramos nós. Obrigado a todos por estarem aqui para prestar uma última homenagem ao nosso saudoso João Carlos. Que descanse em paz. E que, finalmente, possa gozar —depois desta última viagem, a única que fez, diga-se— dessa reforma eterna tão merecida. E que, pelo menos essa, não custará nada à sua caixa de pensões. Adeus João José, os teus colegas jamais te esquecerão...

Transição. Supõe-se que o público se dispersa. Ficam apenas os dois em cena.

Ele *(guardando o papel)* – Foda-se, que suplício... Quem é que escreveu esta porcaria? Foi a senhora?

Ela – Foi o seu primeiro vereador. Para ser sincera, não parecia muito próximo do falecido.

Ele – Eu também não... A senhora conhecia-o, este tipo?

Ela – Não pessoalmente. Era uma pessoa muito discreta.

Ele – Tem a certeza de que está morto, pelo menos?

Ela – Ah, sim, acho que sim... Vou verificar.

9. Código confidencial

Estão de pé, de frente para o público.

Ele – Então?

Ela – Não, a sério, não me lembro...

Ele – Tens a certeza de que não o apontaste nalgum lado?

Ela – Sim! Claro que o apontei nalgum lado.

Ele – E então...?

Ela – O problema é que já não sei onde é que o escrevi.

Ele – Pois...

Ela – Não se deve escrever um código secreto bem grande na porta do frigorífico... ou colado na mala quando se vai de viagem.

Ele – O essencial é lembrar-se de onde o escondeste.

Ela – Pois é isso. Devo tê-lo escondido tão bem que nem eu o consigo encontrar.

Ele – E não te lembras do código, nem uma pista?

Ela – Não tenho a certeza. Só me restam três tentativas, e já gastei duas.

Ele – Parece que estamos a falar de um génio da lâmpada a quem só se podem pedir três desejos.

Ela – Estou a tentar lembrar-me... Temos tantas passwords...

Ele – Eu uso a mesma para tudo, assim nunca me esqueço.

Ela – E assim, se te hackearem uma, hackeiam tudo.

Ele – Mas pelo menos consigo aceder à minha conta.

Ela – Então vá, acede à tua conta.

Ele – Perdi o cartão, já sabes.

Ela – Tu lembras-te do código mas não tens cartão. Eu não perdi o cartão, mas não me lembro do código.

Ele – Não era a tua data de nascimento?

Ela – Nunca revelo a minha data de nascimento. Nem ao banco.

Ele – O teu número da Segurança Social?

Ela – Olha, tento escolher passwords um bocadinho mais difíceis de adivinhar.

Ele – Tão difíceis que até tu...

Ela – Acho que desta vez não era só uma série de números ao calhas, como faço com o boletim do Euromilhões.

Ele – Pois, e nunca te lembras dos números que saíram.

Ela – Só nos resta uma tentativa. Se o código não for o certo, o multibanco come o cartão... e morremos à fome.

Ele – Como todos os habitantes deste raio de país, já agora. Quem é que teve a ideia de vir aqui de férias...?

Ela – Foste tu, lembro-te. Eu queria ir para a Galiza. Na Galiza não morreríamos de fome.

Ele – Vá lá, não dramatizes. Podemos sempre ir ao consulado...

Ela – O consulado mais próximo fica a duzentos quilómetros. E nem sabemos onde é que vamos dormir esta noite...

Ele – Então o que propões?

Ela – Não temos escolha. Temos de tentar.

Ele – Tentar como?

Ela – Vou tentar um código ao calhas, confiando na memória dos meus dedos. Já o digitei milhares de vezes. De certeza que os meus dedos se lembram.

Ele – Achas mesmo?

Ela – Quanto mais penso, menos me lembro. Por isso vou tentar não pensar em nada... e digitar o código.

Ele – Não sei se isso é boa ideia...

Ela – Tens outra solução?

Ele – Não...

Ela – Então cá vai.

Ele – OK... Mas concentra-te bem.

Ela – Nem pensar! Já te disse que não posso pensar em nada!

Ele – Pronto, então não penses em nada.

Ela – Estou a tentar...

Ele – Tenho a certeza de que vais conseguir...

Ela – Sinto-me como se estivesse a saltar no vazio... Cá vai...

Ela fecha os olhos e digita um código. Sustém a respiração.

Ele – E então?

Ela – Funcionou!

Ele – Aleluia!

Ela – Temos algum dinheiro, mas no estrangeiro só deixam levantar cem euros por levantamento.

Ele – Não vamos chegar muito longe com isso. Bem, podemos sempre levantar mais, agora que recuperaste o código...

Ela – Bem, na verdade...

Ela parece preocupada.

Ele – O que foi?

Ela – É que... digitei o código sem pensar...

Ele – E...?

Ela – Não faço ideia de que código digitei.

Ele – Não viste?

Ela – Fechei os olhos... para não pensar em nada.

Silêncio.

Ele – Tenho a sensação de que estas férias vão ser... inesquecíveis.

10. Amores de infância

Ele está ali. Ela chega.

Ela – Lembras-te de mim?

Ele – Não... Devia?

Ela – *Maria!*

Ele – *Maria...*? E nós conhecemo-nos?

Ela – Andámos juntos no jardim-de-infância.

Ele – No jardim-de-infância?

Ela – Acho até que estavas um bocadinho apaixonado por mim.

Ele – Ah, sim, pois...

Ela – Não te lembras?

Ele – Não... Espera... jardim-de-infância... Mas tu, como é que me reconheceste depois de tanto tempo? Não me digas que não mudei...

Ela – Claro que mudámos... os dois.

Ele – Então como...? Se não nos vimos desde o jardim...

Ela – Ah, mas é que eu *vi-te* outra vez desde então. Não todos os dias. De vez em quando. Mas *vi-te* regularmente.

Ele – Como assim?

Ela – Na altura vivia mesmo em frente. E ainda vivo lá. Quando os meus pais morreram, há uns dez anos, fiquei com a casa. Tu também, ao que parece, voltaste para casa dos teus pais...

Ele – Sim, bem... no meu caso foi há pouco tempo.

Ela – Três meses.

Ele – Mais ou menos, sim.

Ela – Mas vinhas visitá-los com frequência. Por isso... *via-te* ao longe, de vez em quando.

Ele – E só agora é que falas comigo?

Ela – Não tive coragem... Tinha medo de incomodar-te...

Ele – E hoje, porquê?

Ela – Não sei... Divorciei-me há seis meses...

Ele – Ah, claro...

Ela – E tu?

Ele – Há três meses... *(Pausa)* Sabias?

Ela – Sim.

Ele – Conhecias a minha mulher?

Ela – De vista.

Ele – De vista?

Ela – Andámos juntas no liceu.

Ele – Já percebo.

Ela – É uma terra pequena.

Ele – Pois é.

Ela – Deve ter sido um choque para ti.

Ele – Queres dizer... o divórcio?

Ela – Ver-me assim, depois de tantos anos.

Ele – Ah, sim... Maria...

Momento de embaraço. Não sabem bem o que dizer.

Ela – Fecha os olhos.

Ele – Desculpa?

Ela – Fecha os olhos e ouve a minha voz.

Ele fecha os olhos.

Ele – Está bem...

Ela sussurra-lhe ao ouvido com uma voz que quer ser sedutora.

Ela – Maria. Maria Ramírez. Andámos juntos no segundo ano do infantário. Eu usava um casaco vermelho. Tinha duas tranças, e um dia, no recreio... *(Ela dá-lhe um beijo nos lábios.)* Beijaste-me na boca. A sério que não te lembras?

Ele *(confuso)* – Maria... Ah sim, talvez.

Abre os olhos.

Ela – Claro, ver-me assim agora... Depois de tantos anos... Sei que mudei muito.

Ele – Bem, sim, é normal.

Ela – Eu, por outro lado... vi-te crescer...

Ele – Sim. Até envelhecer um bocadinho. Por isso, claro... Não tem o mesmo impacto.

Silêncio.

Ela – Podíamos voltar a ver-nos...

Ele – Se moras em frente... De certeza que nos voltamos a ver...

Ela – Está bem... Então vou-me embora...

Ela prepara-se para sair.

Ele – É verdade, essa história?

Ela – Que história?

Ele – Aquilo do jardim-de-infância... e tudo o resto.

Ela – O que é que achas?

Ele – Não sei...

Ela – O que é que preferes?

Ele – É uma história bonita.

Ela – Então digamos que é verdade...

11. A esquecida

Ele está ali. Ela chega.

Ele – Bom dia. O que vai ser para a senhorita?

Ela – Não sei.

Ele – Ora... Não parece estar muito bem. Não quer algo para animar-se um bocadinho?

Ela – Podia dizer-lhe o que quero, mas daqui a um minuto já se terá esquecido.

Ele – Ah, duvido muito. Nunca me esqueço de um pedido, senhorita.

Ela – Vai esquecer-se do meu, vai ver.

Ele – Ah, sim? E porquê?

Ela – Porque eu sou a esquecida.

Ele – Desculpe?

Ela – A esquecida. Desde que nasci que é assim.

Ele – Como assim?

Ela – Ainda durante a gravidez, a minha mãe costumava esquecer-se de que estava grávida.

Ele – Bolas...

Ela – Quando nasci, o meu pai esqueceu-se de me registar no registo civil. E quando a minha mãe saiu do hospital, esqueceu-se de me levar com ela para casa.

Ele – Não me diga...

Ela – Não é que não gostassem de mim. Só que... esqueciam-se de mim. Muitas vezes esqueciam-se de ir buscar-me à escola. E nem lhe conto as estações de serviço e os hotéis onde me deixaram esquecida nas férias.

Ele – Fogo...

Ela – É assim. Embora nem sempre. Às vezes há fases melhores. Mas depois volta a acontecer. No dia do meu casamento, pensei que tinha acabado. Que finalmente alguém se ia lembrar de mim. Mas o meu noivo esqueceu-se de aparecer na conservatória. Até o presidente da câmara se esqueceu. E os meus pais também, já agora...

Ele – Pois olhe que parece bastante bonita. Não é o tipo de pessoa que se esquece facilmente.

Ela – É verdade. Sempre tive muito sucesso com os rapazes. Mas nunca parti o coração a nenhum, juro-lhe. Para isso, teriam de se ter lembrado de mim. Mas a maioria dos meus namorados esquecia-se de vir ao segundo encontro.

Ele – Já percebo...

Ela – Conhece aquela frase “nunca no primeiro encontro”?

Ele – Sim...

Ela – No meu caso, se não fosse no primeiro, no segundo já se tinham esquecido de mim.

Ele – Não deve ter sido fácil.

Ela – Pode imaginar. Arranjar trabalho, por exemplo. Nas entrevistas, estava sempre sozinha. Tinham-se esquecido de mim. Mesmo assim, conseguiram contratar-me duas ou três vezes, mas toda a gente acabava por esquecer-se de que havia alguém no escritório. E claro, esqueciam-se também de me pagar...

Ele – E então...?

Ela – Como nunca conseguia manter um emprego, acabei por cair na delinquência.

Ele – *Delinquência?* Mas parece tão... E como faz para viver?

Ela – Nas lojas, pego no que quero e saio sem pagar.

Ele – Ainda vai parar à cadeia.

Ela – Quem diria? Em menos de um minuto, os seguranças esquecem-se de chamar a polícia. Ou a polícia esquece-se de aparecer. Ou o guarda prisional esquece-se de trancar a cela porque se esqueceu de que havia alguém lá dentro.

Ele – Bem, vista assim... nem tudo são desvantagens.

Ela – Quando me trouxer o que pedi —se não se esquecer de o fazer— vou-me embora sem pagar, e o senhor nem sequer se lembrará de me ter servido.

Ele – A sério?

Ela – Nunca paguei uma conta num restaurante, e no entanto como fora todos os dias.

Ele – Caramba... E isso acontece-lhe há muito tempo?

Ela – Desde 1902. É o ano em que nasci.

Ele – *1902?* Mas isso não pode ser...

Ela – A morte também deve ter-se esquecido de vir buscar-me.

Ele – Ah, claro...

Ela – Já lho disse... O senhor também se vai esquecer de mim.

Silêncio.

Ele – Bom dia. O que vai ser para a senhorita?

12. Perda de memória

Ele está ali. Ela chega.

Ele – Olá, tudo bem?

Ela – Bem. E o senhor?

Ele – Bem, bem.

Ela – Não está calor, pois não?

Ele – Não, não se pode dizer que esteja calor. Está mais é frio.

Ela – Sim, era isso que eu dizia. Usando uma litote.

Ele – Desculpe?

Ela – *Uma litote!* Dizer menos para dar a entender mais. Por exemplo... «Não te odeio» para dizer «amo-te».

Ele – “Não está calor” é uma litote?

Ela – Pode ser.

Ele – E pode querer dizer “amo-te”?

Ela fica um pouco desconcertada e demora um instante a retomar a conversa como pode.

Ela – Estava a pensar se não estará mais frio este ano do que no ano passado.

Ele – É possível, sim.

Ela – Lembro-me que há um ano, por esta altura, estava de fato de banho na varanda.

Ele – De fato de banho? Tem a certeza? Em pleno Janeiro?

Ela aproxima-se dele.

Ela – Desculpe, disse só uma coisa qualquer, para encher. Não me lembro mesmo nada do meu texto.

Ele – Do seu texto?

Ela – Um branco total, pronto... Um buraco negro.

Ele – Um buraco negro...?

Ela – Um branco, se preferir. Estava à espera que me viesse, mas nada. Então improvisei. Peço imensa desculpa.

Ele – Desculpa porquê?

Ela – Por me ter esquecido do texto!

Ele – Mas... nós não temos texto!

Ela – Não temos texto?

Ele – Não. Pelo menos eu não tenho texto.

Ela – Tem a certeza? Então o senhor também está a improvisar?

Ele – Sim, pronto...

Ela – Ora essa... Isso parecia-me estranho. Dizer banalidades assim... Então está a dizer o que lhe passa pela cabeça. Ah, agora percebo.

Ele – Como assim, o que me passa pela cabeça?

Ela – O que lhe ocorre no momento.

Ele – Eh, não! Eu não digo qualquer coisa! Faço uma triagem, ao menos.

Ela – Se isto que diz é o mais interessante que passou pela triagem... nem quero imaginar o resto.

Ele – E a senhora então tinha um texto?

Ela – Pois tinha.

Ele – Um texto que esqueceu, digamos.

Ela – Era o que pensava. Mas... e se o senhor também estivesse a dizer um texto?

Ele – Não sei... Acha?

Ela – Há aqui qualquer coisa que não bate certo.

Ele – O quê?

Ela – Se o senhor está a dizer um texto, então eu não posso estar a improvisar.

Ele – E porquê?

Ela – Porque não faria sentido.

Ele – Isso com certeza.

Ela – A não ser que estejamos os dois a improvisar.

Ele – Ou que estejamos os dois a dizer um texto.

Ela – Mas então... quem escreveu estas parvoíces?

Ele – Já sabe, teatro contemporâneo... Se calhar o autor também improvisava.

Ela – Pois... escrita automática e tudo isso.

Ele – Eu pensava que isso já tinha passado de moda.

Ela – O que é certo é que o autor não tinha texto. No início...

Ele – Por isso, de certa forma, estava a improvisar...

Ela – Sim, pode dizer-se.

Ele – Então porque é que não improvisamos também nós um bocadinho?

Ela – Na verdade, estava a pensar se...

Ele – O quê?

Ela – Se não seremos nós a escrever o texto em vez do autor.

Ele – Já percebo... As personagens improvisam e ele só tem de copiar.

Ela – E depois fica com os direitos de autor.

Ele – Ser autor... bela profissão preguiçosa.

Ela – Eu diria antes: de plagiador.

Ele – Plagiador?

Ela – Se o autor plagia as suas próprias personagens...

Ele – Bem, a senhora disse-o: não é que o que dizemos tenha grande qualidade literária.

Ela – Não, é preciso admitir.

Ele – Pronto, acho que já improvisámos o suficiente, não?

Ela – Sim, já chega.

Ele – Então?

Ela – O quê?

Ele – O que estávamos a dizer antes de começarmos a falar?

Negro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Julho de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 9782386023507

Documento para download gratuito